

Muitos escritores, ao longo do tempo, destacam na Literatura uma capacidade particular que é a de nós leitores(as) podermos nos desvencilhar de nossos egos e por momentos, momentos às vezes dilatados pelo efeito da memória, habitar o país do outro.

Assim é o caso de Noemi Jaffe (São Paulo, 1962), que em *O que os cegos estão sonhando?* (2012), faz a questão da alteridade perpassar as páginas do romance, pela via do horror dos campos de concentração da Alemanha nazista, particularmente Auschwitz, horrendo local habitado por sua mãe, Lili Jaffe, em cujo diário ficaram registradas as dificuldades de ser enxergada como diferente, no caso, como alguém judia. A ficcionista toma esse relato, de uma verdade asfíxiante, e transforma-o em uma fábula sobre o indivíduo humano e suas limitações de congraçamento face a seus semelhantes, e assim a história individual – para sempre dolorosa e pungente – se amplia fazendo com que cada um de nós, a partir de nossas histórias pessoais, possamos nos incluir na narrativa da Segunda Guerra Mundial e até nos colocarmos perspectivados pela visão inclusiva ou não do outro. Uma pergunta subjaz ao texto: qual a medida da tolerância para cada um dos eus que palmilham o território da ficção?

Estas considerações surgem a propósito do número 38 da *Revista de Letras*, cuja temática Ensino de Literatura coloca-se, antes de tudo, como uma oportunidade de pensarmos acerca da presença da Literatura em nossa condição existencial, lembrando que, por parte dos(as) professores(as), a vivência da díade Literatura e Ensino exige muito mais que um convívio livresco e, sim, uma crença na capacidade da arte de plasmar sensibilidades.

Nesse sentido é importante ressaltar que, a par da oportunidade de atualização das práticas e conteúdos levados à sala de aula, em nossa contemporaneidade, atualização que inclui pautas bem identificadoras de nossa realidade histórica, todos os textos aqui transcritos expressam o sentido de fé na capacidade vivificadora da arte.

São nove os artigos que circundam a noção de Ensino da Literatura, trazendo à reflexão aspectos diversos, no que toca à problematização que envolve a inserção da arte literária no tecido social. Embora distintos, os variados temas findam por se entrelaçar, formando um núcleo sólido de pensamento sobre uma manifestação da criatividade humana, que alguns ainda insistem em ver exclusivamente pelo prisma do entretenimento.

Uma das temáticas aqui tratadas diz respeito à questão do feminino, como em “O Ensino de literatura e a representação discursiva nas personagens femininas em *Huis Clos*, de J-P. Sartre”, de Joice Armani Galli, que pauta seu texto pela defesa da premissa de que “o ensino de literatura na atualidade recebe através do letramento crítico uma abordagem cada vez mais pertinente no que tange às noções de criação e fruição literárias” e como tal procura descortinar a percepção de leitura que o século XXI pode fazer da fala sartreana.

A questão do feminino, que abriga, de forma aguda, a noção de outridade, perpassa igualmente o texto de Mayara Cruz Albuquerque e Vânia Maria Ferreira Vasconcelos, na medida em que as ponderações nele inscritas buscam apontar ainda em nosso tempo a debilidade da “palavra de mulher”. Que cenário foi o escolhido para aferir esta constatação? Trata-se da cidade de Quixeramobim, um ponto do mapa do sertão central, do estado do Ceará. Aí foi constatado que a autoria feminina nas aulas de literatura, no espaço das escolas públicas, vem se tornando mais perceptível, contudo, ainda carece de fôlego para se equiparar à voz masculina, veiculada pela criação literária. Como pensar o livro didático, na sua condição de vetor de novas matrizes de entendimento quanto à questão de gênero, é uma possível tradução, entre outras, que deriva deste artigo.

Wilder Kleber Fernandes de Santana, Éderson Luís da Silveira e Pedro Farias Francelino, por seu turno, encarecem a noção de dialogismo – pensamento que guarda afinidade, como que em espelhamento, com a ideia de outridade –, fazendo-o com apoio em Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. A proposta se refere à utilização das conceituações desses teóricos, no ensino básico, com vistas ao alcance da interação, para a formação de sujeitos críticos capazes de entender a maleabilidade das condições sócio-históricas com as quais coabitam. O clássico poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade, em sua retórica indagativa, diante da nulificação do ser, gera, para os autores, a realidade da literatura como forma de compreensão do mundo.

Expandindo o espectro do processo de aprendizagem da existência, por intermédio da fabulação, apresentada, quer sob a modalidade escrita, quer sob a oral, Chirley Domingues e Eliane Debus, por seu turno, focalizam suas ponderações na educação infantil e no ensino fundamental grifando a necessidade de uma pedagogia da leitura, que nasce da efetiva interação entre professor e aluno, ressaltando ainda a importância da expansividade da noção de literatura, a qual não se restringe aos livros didáticos, podendo vir bater à porta dos leitores iniciantes através do convívio com textos literários e ainda com a contação de histórias. Assim, o texto mostra a importância da diversidade na constituição de nossa enciclopédia imaginária tecida pelo rendado das letras.

O letramento, entendido como “um conjunto de práticas sociais”, que traz ao mundo novas construções de sentidos, é realçado por Maria Aparecida de Almeida Rego e Derivaldo dos Santos em “O canto de Palmyra: uma roseira em sala de aula”. Atentos aos pressupostos teóricos de Paulino e Cosson (2009), bem como à palavra de Antonio Candido, estudioso que deu peso à dimensão social da Literatura entre nós, os pesquisadores contemplam a produção poética de Palmira Wanderley, escritora norte-riograndense, alijada das historiografias de ampla difusão. Nessa perspectiva assinala-se em Palmira Wanderley uma possibilidade de o ensino de Literatura rever duplamente a condição desse outro, que traz em si o feminino e ainda o critério geográfico de produção como fator impeditivo, ou no mínimo, restritivo, quanto à possibilidade de circulação de um texto no qual se cola a pecha de regional ou local.

E quando o Ensino de Literatura tem como veículo condutor o estudo de um idioma estrangeiro? De acordo com Leandro Vidal Carneiro e Fernanda Suely Muller, para além do ganho no que toca ao domínio de uma nova língua, e de uma nova cultura, como consequência, o ensino de Literatura, quando pautado por textos literários autênticos, pode significar uma forte âncora no que tange ao florescimento do pensamento crítico nos aprendentes. A ressignificação do outro, via literatura, mais especificamente, a fábula *Il pozzo di Cascina Piana*, de Gianni Rodari (1920-1980), ganha incremento por reforçar a conversação intercultural.

O convívio intercultural também é assinalado por Tito Lívio Cruz Romão em “Tradução como estratégia de ensino de literatura germanófona: versões brasileiras de um soneto alemão”, na medida em que o autor expõe os “ganhos de conhecimentos interdisciplinares envolvendo língua, cultura, teoria literária e o próprio ato de traduzir, aqui também entendido como recriação.”, como resultado da experiência específica relativa à intervenção tradutória de oito estudantes da UFC, com foco no soneto barroco alemão *Es ist alles eitel* (1637), de Andreas Gryphius (1616-1664), vertido para o Português. A colocação em relação dos idiomas denota a potência da tarefa da tradução, no sentido de abrigar a noção do diferente e ainda a de despertar a aderência do sujeito ao que difere dele próprio.

A ideia do inusitado e do incomum transita, mais uma vez, nas páginas deste dossiê, plasmada por uma proposta, que poderia ser identificada como uma didática da inventividade, desenvolvida, há uma década, pelo professor Cid Ottoni Bylaardt, através do Laboratório de Criação Literária, disciplina por ele ministrada no curso de Letras da UFC. Trata-se de um reposicionamento dos sujeitos envolvidos no ato de conviver com a Literatura, na medida em que, contrariamente à expectativa de estudar o texto literário, o aluno vai escrevê-lo. Nesse sentido, desconstrói-se a lógica do cânone, e o aluno se descobre como alguém apto a interferir no domínio da criação e não alguém apenas capaz de referendar o já dito.

Verifica-se, assim, uma ascensão por parte de quem normalmente fica à margem da direção de sua própria escritura, ratificando-se, como tal, o espaço da literatura como uma terra da inclusão, lugar, portanto, em que a outridade se faz perceber.

Em “O papel da literatura na BNCC: ensino, leitor, leitura e escola”, Sarah Ipiranga delinea a inserção da Literatura no sistema pedagógico brasileiro, examinando o aparato documental exposto na Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio, homologada pela Portaria nº 1.570, publicada no D.O.U. de 21/12/2017. As ponderações decorrentes da análise dão conta do papel ancilar da Literatura face a outras áreas do conhecimento, que compõem a formação dos estudantes nessa etapa específica e essencial de sua formação. Emoldurada por um texto copioso, a BNCC se avizinha das 600 páginas, das quais apenas quatro tratam da Literatura. As leituras implícitas dessa configuração, de natureza excludente, são objeto de apreciação da autora, bem como “o perfil de leitor construído e as mudanças impostas pela descentralização de conteúdos”.

O que pensar dessa colocação em cena da Literatura pela percepção estatal? Muitas respostas poderiam surgir. De saída, é possível depreender que a sala de aula se apresenta, cada vez mais, como um local de resistência e que a sensibilidade individual de cada professor é essencial para a mobilização dos estudantes, e todos juntos, de mãos dadas, serão capazes de trazer para o espaço coletivo a figura do outro, a qual, muitas vezes, só consegue habitar os escaninhos da existência plena.

Boa leitura a todos(as)!

Os organizadores

*Ana Margarida Ramos* (Universidade de Aveiro)

*Diógenes Buenos Aires de Carvalho* (UESPI)

*Fernanda Coutinho* (UFC)

*José Leite de Oliveira Jr.* (UFC)